

O QUE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E OS SUJEITOS DO PROCESSO FALAM SOBRE A PSICOLOGIA DA UNP*

RANIMÁRIA MACEDO DA CUNHA**

JULIANNE DE SOUZA SOARES**

DANILO CAMURI***

Palavras-Chaves:

Análise institucional; Psicologia; Universidade Potiguar; Construção de Conhecimento

Em nossas vivências no processo ensino-pedagógico, ao qual estamos inseridos desde o primeiro contado educacional, aprende-se a compreender o mundo através de idéias lineares, bem encaixadas, como foi exposto por Braga (2005) em sua tese de mestrado sobre as práticas psicológicas relativas à formação. Ao chegar a um curso de graduação, especificamente de Psicologia, deparamo-nos com um currículo com idéias e conceitos dispersos e pouco articulados entre si, apresentando um leque de técnicas bem definidas, e diferentes umas das outras, onde se devem absorvê-las e reproduzi-las nas práticas acadêmicas e profissionais.

Diante de tudo isso, os alunos da graduação mostram-se perdidos entre teorias, que ao chegar na prática sentem-se na obrigação de “encaixá-las”, sem nenhuma proposta de articulação ou compreensão entre as demais disciplinas - ressaltando que isso se dá devido a motivação de cada abordagem de se apresentar bem diferente da outra, especificando particularidades que a fazem ser melhor que as demais. O resultado de tudo isso é uma angustia do graduando em torno da formação de sua identidade, ou seja, na necessidade de se definir como Psicólogo, reproduzindo um fazer apreendido em sala de aula com suas técnicas enrijecidas e todos os atravessamentos existentes.

Enfim, nossas inquietações e questionamentos se “resumem” a respeito de nossa própria formação, diante do fato do curso se apresentar na área da Saúde, possuir algumas disciplinas desvinculadas, que se apresentavam distantes da prática e, principalmente, analisar os reflexos das políticas e dos atravessamentos na construção do psicólogo e da sua prática profissional no estabelecimento de ensino da UNP.

Partindo de uma análise de implicação, que como propõe Lourau (ALTOÉ, 2004) trás a possibilidade do pesquisador se implicar no ato de coletar e analisar os dados, é que iniciamos nossas observações sobre o curso ao qual fazemos parte, e atuamos como produtos e produtoras do nosso próprio conhecimento. Sobre a ótica da relação instituinte/instituído é o que esta mesma autora conclui colocando que o instituinte ameaça o instituído, ao passo que se completam na medida em que um faz o outro progredir e se transformar num processo permanente.

Compreender a história ao qual se desenvolveu a psicologia que formou e está formando profissionais, é a base para respondermos nossos questionamentos e problematizarmos o nosso campo de formação e atuação. Por isso partimos da investigação, sobre o aporte da pesquisa intervenção proposta na perspectiva da análise institucional que se caracteriza, conforme Paulon (2004), por ser uma investigação participativa que busca interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação.

* Eixo temático do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Universidade Potiguar, intitulado “10 anos de psicologia(s) na UNP”.

** Alunas do 8º período do curso de Psicologia da Universidade Potiguar.

*** Professor Mestre orientador do TCC.

Nossa análise se configura no cenário das práticas instituídas que formam e estão sendo desenvolvidas no processo ensino-pedagógico do curso, considerando, além disso, as relações que se estabelecem através de novas forças instituintes que se apresentam nas novas perspectivas dos que chegam – sejam alunos ou professores – com idéias e conceitos preestabelecido para serem [des]construídos nos bancos da academia, ou melhor, esses conceitos e práticas que chegam são trocados pelos que já estavam entre as abordagens e perspectivas das áreas a qual a psicologia hoje está fragmentada, onde o aluno deve optar para reproduzi - lá no espaço profissional que irá assumir. Nosso problema em si se estabelece em volta dos seguintes questionamentos: o que está sendo oferecido para formação do psicólogo? Ou melhor, como se dá essa construção do profissional Psi na UNP? Até que ponto o estabelecimento da Universidade Potiguar e a sua organização – sistema institucional – contribuem para as novas formas do Ser Psicólogo?

Para prosseguir com nossa pesquisa definimos que o nosso interesse se configura em compreender o processo, conhecer a história e o contexto em que o curso Psicologia da Universidade Potiguar está inserido, como também entender a visão dos discentes e docentes que fazem parte desse cenário para, assim, entender os atravessamentos e transversalidades do processo de institucionalização da Psicologia enquanto lugar de conhecimento que formula toda uma prática de pesquisa e trabalho.

Caminhando na história da Psicologia do Brasil e RN até a Universidade Potiguar

Comprendemos a psicologia como construção histórica do homem na busca de conhecer a si próprio. Isso significa que a psicologia nem sempre existiu, ela é fruto da história social dos homens. Ela só surgiu a partir de determinadas condições materiais que configuraram a necessidade de descrição, investigação, explicação do homem na sua dimensão subjetiva.

(BOCK, 2003, p. 11)

É muito freqüente a iniciação da graduação em Psicologia, onde alguns estudantes trazem uma visão estreita e reducionista de algumas tendências, ou de algumas áreas que se encontram na “moda”, mesmo antes de mergulhar em teorias e conceitos, nem sequer conhecendo os rumos anteriores e as forças político-econômicas nas quais resultaram as práticas atuais, gostando ou desgostando de matérias, conhecendo alguns “pensadores iluminados”, resultando de ações isoladas de indivíduos privilegiados que parecem ter chegado a conclusões de forma autônoma. Visão essa que não é descartável, na medida em que pode servir de um “catálogo” conceitual da História da Psicologia para celebrar “pioneiros”, desvinculados dos compromissos políticos intrínsecos às suas teorias das quais se apropriaram.

Essa “História de idéias esfaceladas” deveria ser modificada na formação, pois conhecer essa História não é apenas importante para conhecer esses personagens ilustres com seus respectivos achados, nem muito menos os campos de conhecimentos bem delimitados, configurados em seus discursos e métodos que contribuem para a formação do Psicólogo, como a Fisiologia, a Anatomia, a Estatística, a Sociologia, ou a Psicanálise, o Behaviorismo, a Gestalt, ancorados a uma cronologia, limitados a uma relação de casualidade, abandonando a dimensão criativa do tempo. É conhecer uma História de uma Ciência não neutra, onde seus conceitos derivam de uma realidade histórico-social em que foram geradas e/ou aplicadas.

A História da Psicologia não pode ser desvinculada das condições que possibilitaram seu surgimento em um dado momento e contexto social, pois seu nascimento não é fruto de uma evolução natural ou obra de indivíduos isolados em seus laboratórios experimentais. Corroborando com esse modo de pensar, Foucault (2002) afirma que:

(...) a emergência histórica de cada uma das ciências humanas se deu por ocasião de um problema, de

uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica e prática; certamente foram necessárias as novas normas que a sociedade industrial impôs aos indivíduos para que, lentamente, durante o século XIX, a psicologia se constituísse como ciência; não há dúvida também que foram necessárias as ameaças que desde a Revolução pesaram sobre os equilíbrios sociais, e sobre aquele particularmente que havia instaurado a burguesia, para que aparecesse uma reflexão de tipo sociológica. (p. 476).

Isso posto, como estudar a História dessa Ciência que não é singular? Principalmente, como abarcar essa História, que sempre mostrou-se a favor de classes detentoras do poder, reconhecendo essa dominação para uma modificação, acolhendo a demanda do social?

Há inúmeros estudos e trabalhos acadêmicos acerca dessa História, apesar de recentes, que tentam unificar o processo histórico-social das múltiplas “escolas”, já que essa retrospectiva mais comum é individualizada, sem articulações, sendo um árduo caminho a percorrer na tentativa de unificá-las, não no sentido de simplificação ou na tentativa de uma combinação de várias partes que se encontram esfacelada, mas na tentativa de entender os processos que encontram-se cada vez mais complexos.

Essa História pode focar as teorias psicológicas ou as suas práticas e ferramentas, enfatizando conceitos, técnicas, campos de atuação e o entrelaçamento destas. Porém, entender essas narrativas e os acontecimentos é compreender a Psicologia, a partir de suas condições históricas; é compreender que a história é unidade de passado, presente e futuro e para entender o presente, é preciso buscar sua constituição histórica e, para lançar luzes sobre o futuro, é preciso conhecer seu passado e seu presente, sobretudo para identificar problemas, bem como entender os percursos fruto da exploração do saber, do exercício da dicotomia do poder totalitário, que divide os loucos e os normais, dominadores e dominados, o bem e o mal, o certo e o errado. Unir História e Psicologia como um instrumento crítico a ser utilizado a favor dessa Ciência, entendendo todos os atravessamentos, forças e acontecimentos que tomaram poder e tiveram o agora como produto.

Não pretendemos aqui, fazer um cansativo e minucioso traçado histórico da Psicologia, como uma seqüência temporal de nomes e fatos, e sim, pincelar eventos e momentos, instituições e idéias, que marcaram essa Ciência no Brasil, como também no Estado do Rio Grande do Norte, para entender o cenário e os atravessamentos que nortearam a criação do curso de Psicologia na Universidade Potiguar, construindo a História desse curso no seu décimo aniversário de existência na intitulada “Escola da Saúde”, bem como refletir sobre o cenário atual deste curso de formação.

Segundo Bock (2003) a profissão de psicólogo no Brasil foi regulamentada em 1962, consolidando-se como base no modelo médico de atuação, visto que uma das etapas mais importantes do desenvolvimento dessa ciência no país deu-se dentro das faculdades de Medicina. A adoção desse modelo de atuação repercutiu de forma decisiva na formação dos psicólogos brasileiros e na preferência destes pela atuação na área clínica, pelo trabalho clínico em consultório particular.

Não diferente ocorreu na formação dos Psicólogos no Rio Grande do Norte, segundo Farias (2006), apesar de ter seu primeiro curso de ensino superior inserido na área de Humanas. Logo em seguida, a Universidade Potiguar – UNP lança uma proposta diferenciada para o Estado, introduzindo o Curso de Psicologia na área da Saúde. Porém, nota-se, a partir da divisão das novas ênfases curriculares, uma maior preferência dos alunos na ênfase da Saúde, levantando reflexões acerca desse fato: Será que ainda predomina essa visão médico-psiquiatra durante a formação?

Nas rodas de conversas e em nossos diários de campo, foi possível compreender como se deu o processo de construção do curso, que até hoje não está bem definido, já que ainda permanece na linha de dispositivo institucional de formação entre a clínica e o social, sem uma articulação bem definida ou até mesmo interdisciplinar como propõe a formação oferecida na Universidade Potiguar. Mas como bem define Deleuze (1990), o dispositivo é um conjunto

multilinear, que se formam num processo de desequilíbrio. Assim nos possibilitando cartografar as terras desconhecidas das subjetividades dos atores que formam e se formam no processo de institucionalização do saber psi.

Nas diferentes materiais dos meios de comunicação ao qual tivemos acesso, foi possível compreender como acontece a negociação para se vender uma formação adequada de Psicólogo. Sempre como uma jogada de Marketing ligando a psicologia ao modelo médico hegemônico, como uma área que domina os saberes essenciais sobre a mente humana. Para pensarmos sobre esse consumo-negociado do ser psicólogo, temos grandes contribuições de Rolnik (2000), que nos esclarece que o processo de subjetivação acontece “nas conexões entre os fluxos heterogêneos, do qual o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante” (p. 2). A autora traz a discussão sobre as figuras de consumo que são estabelecidas - identidades, e a partir desse processo é que nos propomos a analisar essa tendência a homogeneização na formação do psicólogo que está completamente distorcida da realidade, considerando que não é possível identidades globais formadas por abordagens ou escolas psi, o que há são subjetividades que desconstroem o caos do modelo ideal que é solicitado para consumo.

O objetivo institucional é criar campos de leitura, de compreensão, de intervenção para que cada processo produtivo desejante, revolucionário, seja capaz de gerar os “homens” (ou sujeitos) de que precisa. Não ajeitá-los a partir de uma suposição de que já estão feitos, mas aceitar a idéia de que os novos homens se fazem a cada momento, em cada circunstância. (BARREMBLITT, 1992. p. 46)

Sob a ótica da análise do discurso proposta por Foucault (1971), iremos de encontros aos espaços que produziram e produzem os conhecimentos psi, os propagando nos bancos da academia da UNP. E a isto Foucault contribui dizendo: “A este querer tão comum a instituição responde de maneira irônica, porque faz com que os começos sejam solenes, porque os acolhe num rodeio de atenção e silêncio, e lhes impõe, para que se vejam a distancia, formas ritualizadas”. (p. 01)

Por fim, descobrimos a falsificação do modelo inicial proposto pelo curso, que tenta vender o produto formação em psicologia na área da saúde, e ao mesmo tempo se constitui de professores com formação voltada para o social que propõe ao curso uma generalização na grade curricular que atenda as demandas sociais que são para estes o verdadeiro objeto de estudo da psicologia. E para clarificar essa possível conclusão buscamos compreender o princípio de falsificação de Hess (2007), ao qual traz a discussão iniciada por Lourau sobre o fracasso da profecia onde este define que o instituído aceita o instituinte quando pode integrá-lo, quer dizer, torná-lo equivalente as formas já existentes (1994, apud HESS, 2007), e Hess acrescenta ao princípio de equivalência de Lourau que o instituído, ao contrário, é o que falsifica o espírito fundador da instituição, e o instituinte desenvolve a lógica de verdade do momento fundador.

Nesse encontro podemos compreender que os atores do processo de formação diante da história do curso ainda não se encontraram nem conseguiram formular respostas para seus próprios questionamentos, sendo um curso muito novo, que nos seus 10 anos de existência ainda luta para se estruturar e encontrar seu espaço entre seus próprios saberes que ora se contradizem e desconstroem formas, ora se reproduzem nos diferentes espaços sustentando a dicotomia entre os saberes que o constituem.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Sônia. **René Lourau**: Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: HUCITEC, 2004. ISBN 85-271-0671-5. 287p.

BARREMBLITT, Gregori F. **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes**. São Paulo: Editora Rosa dos ventos, 1992. p 11-205.

BOCK, A.M.B. (org.). **A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOCK, A.M.B. (org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003. ISBN 85-249-0958-7. 382 p.

BRAGA, Tatiana B. Magalhães. **Práticas Psicológicas em instituições e formação em Psicologia**: Possibilidades de reflexões sobre o sentido da prática. São Paulo: s.n., 2005. – 179p.

DELEUZE, Gilles. **¿Que é un dispositivo?** In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html>. Acessado em 24 de agosto de 2009.

FARIAS, Tércio Augusto B. Correia de. **Formação em Psicologia no RN**: mapeando os espaços de produção subjetiva. Natal: UNP, 2006. 107p.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **L'Ordre du discours**. Éditions Gallimard, Paris, 1971. Tradução de [Edmundo Cordeiro](#) com a ajuda para a parte inicial do [Antônio Bento](#). Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.html>. Acessado em 24 de agosto de 2009.

HESS, Remi. **Do efeito Mühlmann ao princípio de falsificação**: instituinte, instituído, institucionalização. Mnemosine, 2007. Vol. 3, nº 2. p.148-163.

PAULON, Simone Mainieri. **A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa Intervenção.** Porto Alegre: UNISINOS, 2004. p. 18-25.

ROLNIK, Suely. **Esquizoanálise e Antropofagia.** In: Gilles Deleuze. Uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000. pp. 451-462.